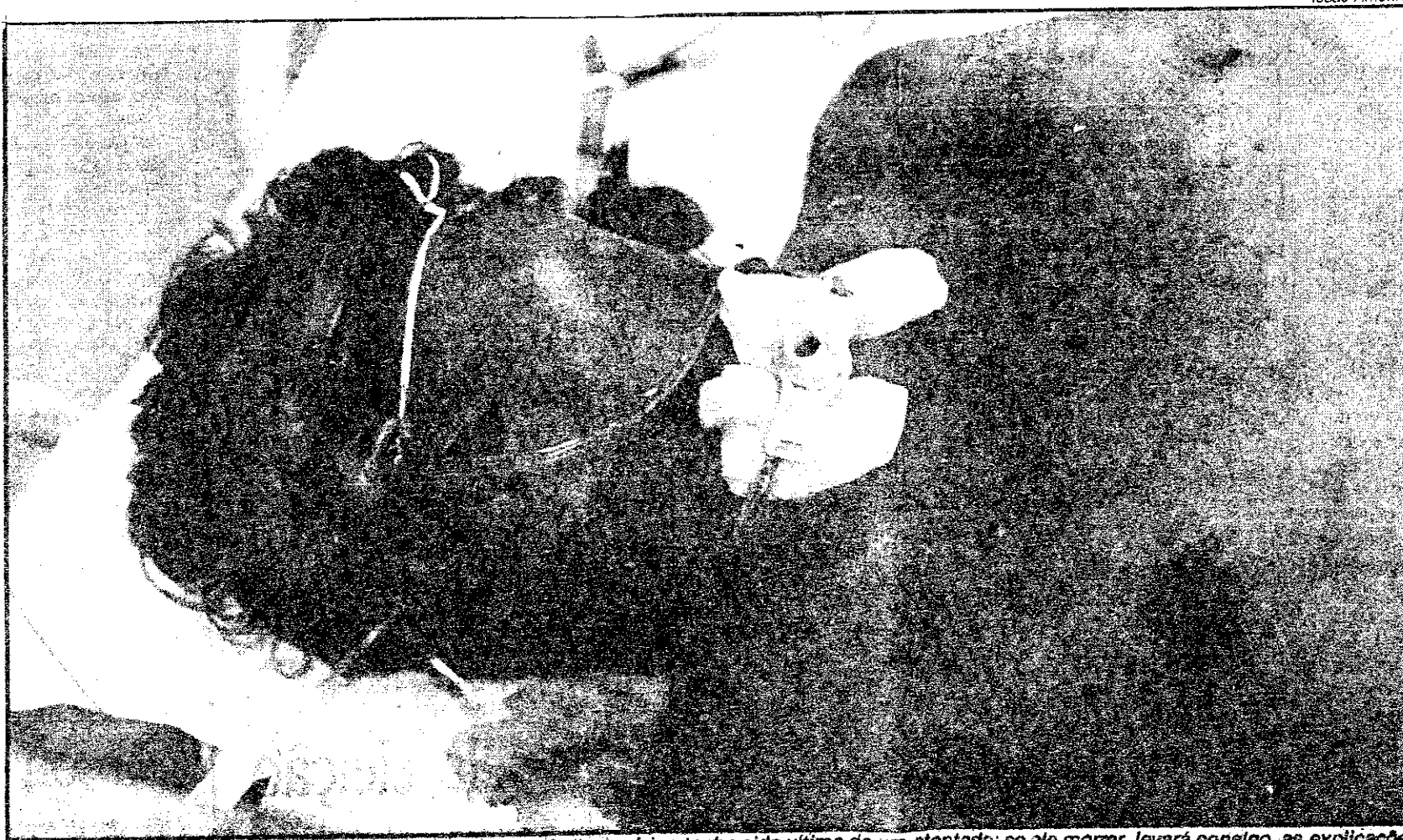


Massacre de indígenas na disputa pelas terras

Iseac Amorim



Ninguém pode descartar a possibilidade de que o índio Américo tenha sido vítima de um atentado; se ele morrer, levará consigo as explicações

Treze índios mortos e outros 27 feridos — alguns em estado grave — foi o resultado de um conflito entre madeireiros e índios Tikuna na região de São Leopoldo, município de Benjamin Constant, no último dia 28. O Cimi Norte I acusa o latifundiário Oscar Castelo Branco de ter comandado a chacina; outras versões colocam os indígenas como os agressores. É possível que haja mais mortos (Página 12).

Américo reaparece em coma

O índio Américo Maranhão, da tribo dos Tukano, que estava sumido desde o último dia 19, encontra-se no CTI do Hospital Getúlio Vargas, em estado de coma. Ele viera a Manaus com a finalidade de entrar em contato com o coronel Godoy, do CMA, que aguardava uma resposta relacionada ao Projeto Calha Norte. Ninguém sabe o que aconteceu ao índio que está com o corpo todo quebrado (Página 12).

COMISSÃO CUIABÁ PARQUE YANOMAMI
C. O. P. Y.
BOA VISTA, RR

Manaus, quinta-feira, 31 de março de 1988

A CRITICA

Pela posse de terra

Chacina de índios

CIMI - NORTE I

ACRÍTICA

Data 31/03/88, 12

Treze mortos e 27 feridos foi o resultado do confronto entre os índios Ticunas e moradores da comunidade de um lugar denominada "Capacete", no município de Benjamin Constant, por todo o dia de segunda-feira passada. Com exceção de um morador que saiu esfaqueado, todas as vítimas são os indígenas, cujos corpos estão sendo resgatados pela Polícia Federal, Exército e Funai. O confronto foi motivado pela demarcação de terras na Funai, que visava beneficiar os silvícolas. Todavia o órgão indenizou os moradores com valores irrisórios, tendo estes permanecido na localidade.

A partir daí, os moradores de "Capacete", ficaram preparados para enfrentar os índios, que desejavam se apossar das terras e levaram desvantagem durante o confronto que começou por volta das 10 horas do dia 28. Homens e mulheres armados de espingardas, facas e cacetes, reagiram violentamente ao ataque dos indígenas, tendo alguns destes desaparecido no rio.

Inicialmente foi constatada a existência de três mortos, 15 desaparecidos e 27 feridos. Depois verificou-se que era maior o número das vítimas, cujos corpos foram levados para Tabatinga. Nove estão no necrotério do Hospital da Guarnição do Exército de Tabatinga, sendo necropsiados e velados ali mesmo pelas famílias indígenas. Os feridos se encontram internados no Hospital do Sesp, em Benjamin Constant.

"Todo o conflito foi insuflado pelos representantes do Conselho Indigenista Missionário (CIM)", denunciou o vereador José Henrique Ataide de Oliveira (PMDB — presidente da Associação dos Vereadores do Alto Solimões), que chegou no sábado passado e explicou que já tinham ocorrido dois confrontos entre os moradores e os índios Ticunas. O primeiro ocorreu há seis meses, sem maiores consequências devido a interferência de lideranças de ambos os grupos. Mas a questão perdurou, pois os moradores se recusavam a deixar as terras. Segundo eles, muitos haviam feito benefícios e não achavam justo perderem tudo. Alegavam que tinham trabalhado durante muitos anos, alguns por mais de 60 anos no mesmo local e não poderiam abrir mão à Funai, que lhes tinha indenizado com quantias que variavam de cinco a 15 mil cruzados.

Um dos moradores que se julgava mais prejudicado era o madeireiro Oscar de Almeida Castelo Branco, que ali reside há mais de 20 anos, sendo proprietário de seringais, fazendas de gado e um estabelecimento comercial. Durante o segundo confronto ocorrido no



dia 3 deste mês, Oscar teve seu estabelecimento saqueado pelos índios. Nesse conflito, mais uma vez, houve a interferência das lideranças, evitando que se registrasse mortes.

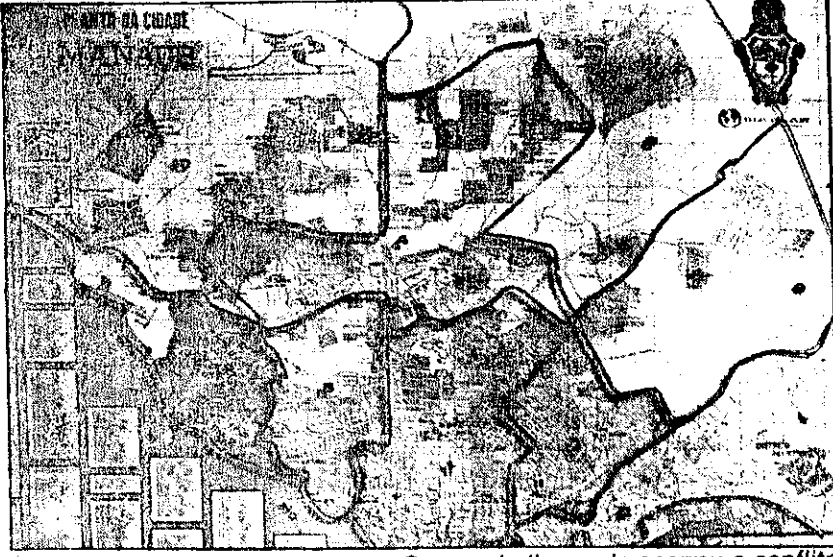
Contudo, todos os moradores ficaram atentos, esperando por uma outra reação dos índios que se mostravam dispostos a atacá-los. Desta feita, os moradores se armaram, dispostos a defenderem suas propriedades. E ocorreu o que todos esperavam quando os índios chegaram de canoas no "Capacete". Todos estavam armados e se aproximaram do vilarejo havendo reação dos brancos que levaram vantagem pois possuíam armas de fogo.

Segundo declarações do vereador José Henrique, a intenção dos índios, agindo daquela maneira, era fazer com que a Funai tomasse uma medida definitiva sobre o caso. Todos estavam instruídos pelo CIMI que no entanto não lhes deu nenhuma cobertura. "A intenção do órgão é unicamente insuflar os indígenas", disse o vereador.

Um dia após o segundo o entrevisto, o caso foi denunciado na Câmara dos Vereadores por José Henrique, que proferiu o seguinte discurso:

"Ainda não vai longe os tempos em que éramos exceção à regra, no que diz a respeito à discriminação e a segregação da raça indígena. Ontem, havia respeito mútuo. Havia solidariedade. Hoje, porém, quase nada de ninguém, quase tudo do índio. Funai e CIMI, mãe e pai imbuídos do propósito de proteger o filho desvalido, despiram-no da vontade, do trabalho, da tolerância e da humildade. revestindo no-

CIMI - MORTES I
 ACRÍTICA
 Data 31.03.88, p. 12



O mapa indica onde ocorreu o conflito



José Henrique dá sua versão

vamente com a indumentária da dissidência, da arrogância e da prepotência. O índio não mais solicita, exige. Não mais negocia, saqueia. O procedimento de uma minoria de indígena depredando domicílios é que nos impele a levar o nosso mais veemente protesto. Não podemos silenciar diante de um acontecimento tão grave. Grave não só pelo fato em si, mas também pelas consequências que dele poderão advir. Não devemos assumir uma posição de passividade”.

Prisões — No mesmo dia do último conflito, a Polícia Federal e o Exército, prenderam alguns dos implicados, entre os quais o madeireiro Oscar Castelo Branco. Mas, todos foram liberados após prestarem depoimentos em Tabatinga. Não retornaram, porém, para a localidade de “Capacete” por determinação das autoridades que tentam evitar um outro acidente.

Um outro fator social que se agrava é a saída de outros moradores do local para o município de Benjamin Constant. Todos procuraram a Prefeitura Municipal, em busca de ajuda, já que ninguém tem condições de permanecer em “Capacete” e comunidades vizinhas. Ocorre, porém, que a Prefeitura alega não ter recursos suficientes para atendê-los, no que diz respeito à hospedagem e alimentação das famílias.

“Fazemos um apelo às autoridades no sentido de intervirem imediatamente no caso, evitando, por conseguinte, maiores consequências”, disse o vereador.

Versão do CIMI — O coordenador do CIMI, Guinter Francisco (30 anos, catarinense) distribuiu uma nota à imprensa, dando informações do ocorrido, conforme levantamento feito pelo órgão. Segundo ele, quem verdadeiramente comandou o massacre foi Oscar Castelo Branco, irmão do prefeito de Atalaia do Norte. Eis o relato do CIMI:

“Os índios Ticuna que habitam a área indígena São Leopoldo, no município de Benjamin Constant, Alto Rio Solimões, foram atacados no último dia 28 por 20 brancos fortemente armados, a mando de Oscar Castelo Branco (irmão do prefeito de Atalaia do Norte). No ataque que 13 índios Ticuna foram assassinados, inclusive duas crianças (dos quais 10 corpos ainda não foram localizados) e 20 feridos, alguns em estado grave. Os mortos foram: Natalino Lucinda Joaquim, Jordão Lourenço, Getúlio Alberto, Lourenço Fortes, Marçus Tertuliano, Valentino, Raimundo Batista (de 8 anos), Jucá Luciano, Davi, Angelito Luciano, Aparício e uma outra criança que ainda não tinha nome.

Oscar Castelo Branco (que comandou o massacre), latifundiário da região, é atualmente o único invasor da referida área indígena. Por diversas vezes os índios já haviam solicitado à Funai que o mesmo fosse retirado da área. Diante do descaso do órgão tutor os índios chegaram a embarcar os pertences do invasor em um flutuante para que o mesmo abandonasse a área indígena. Em represália Oscar matou um boi da comunidade indígena.

Enquanto três comunidades se encontravam reunidas esperando a volta dos dois capitães Ticuna que tinham ido a Tabatinga solicitar providência da Funai e da Polícia Federal para o caso da matança do boi, aconteceu o massacre. Os brancos chegaram de barco muito bem armados, cercaram a casa onde se encontravam os índios e foram atirando.

Lamentavelmente ainda hoje somos obrigados a assistir massacres dos índios que só são possíveis devido a incompetência, omissão e irresponsabilidade da Funai. Está na hora de fazer uma devassa nos quadros da Funai a começar pela sua direção, deixando apenas as pessoas realmente comprometidas com os índios. Não podemos nos calar diante de tanta violência que vem acontecendo contra os povos indígenas sem que as autoridades competentes ao menos se preocupem com a sobrevivência desses povos que ainda, em pleno século XX, continuam ameaçados de extinção.

Exigimos a punição dos responsáveis diretos pelo odioso crime praticado contra os índios Ticuna e também das autoridades da Funai que não tomaram as providências necessárias para evitar o ocorrido. Só dessa forma poderá voltar a paz às aldeias Ticuna do Alto Solimões.

Manifestamos também nosso total apoio e solidariedade ao povo Ticuna tão duramente atingido e esperamos que esse fato lamentável leve a Funai a cumprir com sua obrigação de demarcar e garantir, de uma vez por todas, as terras indígenas”.